

RESENHAS

OS SAMPAULEIROS REVISITADOS

Maria Eliane Brito de Andrade*

ESTRELA, Ely Souza. *Os sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo, Humanitas/Educ/Fapesp, 2003.

No Centro-Sul, os migrantes nordestinos recebem várias denominações pejorativas. No Rio de Janeiro são chamados de “paraíbas”; em São Paulo de “cabeças-chatas”, de “baianos” e de “paus-de-arara”. Como são denominados esses sujeitos sociais em seus locais de origem?

Na obra *Os sampauleiros: cotidiano e representações*, Ely Souza Estrela afirma que as denominações variam conforme a região: no Recôncavo e em Juazeiro são denominados “paulistas”, no Oeste são chamados de são paulinos e no alto sertão da Bahia são os sampauleiros. No trabalho em tela, a autora se ocupa unicamente com os indivíduos que deixaram o alto sertão da Bahia para experienciar o constante ir-e-vir, ou seja, os sampauleiros.

Em seu trabalho, a autora acompanha a trajetória dos indivíduos que deixaram o alto sertão da Bahia para buscar no centro-sul meios de sobrevivência, inserção social e cidadania, evidenciando o cotidiano desse ser social, tanto no local de destino, como no de origem.

Embora não minimize os fatores de ordem socioeconômica como motivadores dos deslocamentos, a autora procura ir além, evidenciando o importante papel desempenhado pelas representações sociais elaboradas e reelaboradas em torno do centro-sul – em especial de São Paulo. Nessa perspectiva, a partida era vista como uma espécie de rito de passagem. Para ser “gente”, ser reconhecido e tornar-se cidadão, era preciso conhecer o “outro lado do mundo”, viver novas experiências, amearhar recursos – de preferência – e retornar marcado pela experiência da travessia. Para o jovem, a viagem para São Paulo era um fator de afirmação social e o retorno sinalizava o caminho da maturidade.

As obras que abordam o deslocamento populacional para São Paulo sempre negligenciaram a presença dos “homens do Norte” na lavoura paulista. Quando ela aparece, é

esparsa, diminuta, sem significância. Contrariando os especialistas dos fluxos de população do Nordeste para o centro-sul, Ely Souza Estrela registra que os deslocamentos de indivíduos da alta zona sertaneja para São Paulo remontam ao fim do século XIX. Tudo indica que o ir-e-vir dos sampauleiros tenha se iniciado logo após o término do tráfico interno de escravos. Nesse sentido, o trabalho evidencia que a presença de nordestinos na lavoura de São Paulo só diferiu da dos imigrantes em escala. Os sampauleiros trabalharam lado a lado com os italianos, suplantando-os, em vários setores, a partir de 1930, após a adoção, pelo governo de Getúlio Vargas, de medidas voltadas para a valorização da mão-de-obra nacional, consubstanciadas, conforme salienta a autora, na abertura da Hospedaria dos Imigrantes para o “imigrante interno” e na aprovação das chamadas “leis de 2/3”.

Quem eram os sampauleiros? Nas comunidades do alto sertão, a expressão era usada para designar os indivíduos que partiam e que retornavam ao solo natal em condições muito específicas. Para a autora,

(...) o sampauleiro era o indivíduo que, embora possuísse a propriedade da terra, não dispunha de recursos para torná-la produtiva; era o expropriado; o antigo agregado; a vítima da seca inclemente ou da violência dos coronéis; o filho rejeitado ou rebelde; o fugitivo da lei ou da rígida moral sertaneja; os endividados; a moça violentada; a mãe solteira, o aventureiro; o jagunço sem chefe. (p. 15)

Em suma, era todo indivíduo que vivia o ir-e-vir, constituindo-se numa ponte entre o tradicional e o moderno, o rural e o urbano, o alto sertão e o centro-sul, sendo visto pelos indivíduos dos grupos menos privilegiados, que permaneceram, com admiração e uma ponta de inveja, e, pelos mais bem situados economicamente, com estranheza e sarcasmo.

O termo sampauleiro é uma construção dos indivíduos que permaneceram no alto sertão da Bahia, sendo seu uso restrito à região.

Designava e ainda designa o ser social característico de uma determinada época. O sampauleiro representava o ponto de ligação entre as comunidades tradicionais sertanejas e a moderna sociedade capitalista que se constituía a partir das primeiras décadas do século XX. Ainda hoje, em algumas localidades do alto sertão utiliza-se a expressão sampauleiro para designar quem vai e quem chega de São Paulo, mas o seu significado não carrega mais o sentido do passado, e, sem dúvida, a chegada e a partida dessas pessoas não têm o mesmo impacto que tiveram em outros tempos não muito remotos. (p. 19)

Em princípios do século passado, quando os sampauleiros partiam para a lavoura paulista, utilizando-se de meios de transportes extremamente precários – muitos, como assinala a autora, partiam a pé ou a cavalo –, a família reagia como se fossem para a guerra, registrando-se, inclusive, choros e desmaios das mães ou esposas. A chegada dos aventureiros era

anunciada com foguetórios e a recepção festiva podia durar dias. O chamado bota-fora do sampauleiro e a recepção marcaram a memória dos sertanejos mais velhos e foram registrados pela autora com sensibilidade e certa verve literária.

Ao abordar o deslocamento populacional na perspectiva do local de origem – aspecto dos mais inovadores da obra –, a autora evidencia inúmeras nuances do cotidiano das chamadas comunidades tradicionais, revelando, inclusive, modificações na sua organização espacial, muitas delas, aliás, provocadas em virtude do constante ir-e-vir dos sampauleiros. Destaca também a importância socioeconômica e cultural do constante ir-e-vir dos sampauleiros para o alto sertão. Antes que os meios de comunicação de massa ganhassem a projeção dos nossos dias, os sampauleiros exerceram importante papel na integração entre o Nordeste e o centro-sul.

Para desenvolver a pesquisa, a autora recorreu a múltiplas fontes. Colheu mais de quatro dezenas de entrevistas, consultou a coleção completa do jornal quinzenal *A Penna* (editado em Caetité entre fins do século XIX até 1942) e recorreu a várias obras literárias, tais como *Porto Calendário*, de Osório Alves de Castro; *Seara vermelha*, de Jorge Amado; *Essa terra e Adeus, velho*, ambos de Antônio Torres; *O quinze*, de Raquel de Queiroz; e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Além do mais, utilizou ditos populares, recorreu às piadas e à sua própria experiência.

Os sampauleiros: cotidiano e representações é uma obra que contribui para as pesquisas da temática, pois evidencia não só a estreita ligação entre São Paulo e a região imaginária do alto sertão da Bahia, mas reafirma a importância da labuta dos migrantes baianos/nordestinos na construção do estado de São Paulo e de sua região metropolitana.

Ely Estrela é historiadora, mas seu trabalho foi apresentado ao Departamento de Geografia Humana da Universidade de São Paulo para que ela obtivesse o título de mestre. Na apresentação de seu instigante trabalho, sua orientadora – a geógrafa Maria Regina de Toledo Sader – diz que Ely é uma historiadora que se fez geógrafa.

Historiadora e geógrafa, Ely, além de evidenciar a experiência dos sampauleiros, revela aspectos importantes da história do alto sertão da Bahia, região que, como assinala, não existe nas regionalizações oficiais, fazendo parte da “geografia imaginária” de seus habitantes.

Os sampauleiros: cotidiano e representações é um livro cativante, podendo ser lido e apreciado não só por estudiosos, como também por todos os indivíduos que um dia deixaram seus locais de origem para experienciar a travessia. Nesse sentido, cumpriu-se o propósito da autora, qual seja: tornar seu trabalho acessível aos sampauleiros e seus descendentes.

Notas

* Professora de Geografia Humana do Departamento de Ciências Humanas – Campus VI – Caetité – Universidade do Estado da Bahia.